



Literatura de Cordel como Jornalismo Popular no Distrito Federal¹

Luciana Medeiros Teixeira²

Instituto de Educação Superior de Brasília
Universidade de Brasília

Resumo

A literatura de cordel chegou ao Brasil, na época da colonização, a bordo das naus portuguesas. No nordeste do país, a tradição se enraizou e a importância dos folhetos na vida da população é imensa. Divertem, ajudam na alfabetização e, por muitos anos, foram os únicos veículos de informação a circular na região. Os migrantes nordestinos foram responsáveis por espalhar os folhetos por todo o país. Hoje, podemos encontrar a literatura de cordel, principalmente, no Rio de Janeiro, em São Paulo e no Distrito Federal, cidades com grande número de nordestinos. O presente trabalho pretende analisar o cordel produzido no Distrito Federal, especialmente na cidade-satélite de Ceilândia, onde está localizada a Casa do Cantador.

Palavras-chave

Jornalismo; literatura de cordel; folkcomunicação; Distrito Federal.

1. Introdução

Desde o início dos tempos, o homem sentiu a necessidade de se comunicar e de trocar experiências. Acima de tudo, era questão de sobrevivência. Mas, como não existiam os modernos meios de comunicação que conhecemos hoje, como o rádio, a televisão e a imprensa escrita, as informações eram transmitidas de diversas maneiras. Assim, para analisarmos os processos de troca de informações na antiguidade, podemos utilizar a metodologia espacial. Nessa abordagem, “as mídias são concebidas como Espaços de Comunicação em oposição aos veículos” (Cortez, 2007).

¹ Trabalho apresentado ao Intercom Junior, na Divisão Temática de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste.

² Luciana Medeiros Teixeira é estudante do 8º Período do Curso de Comunicação Social – Jornalismo – Instituto de Educação Superior de Brasília (IESB); Estudante do 6º Período do Curso de Licenciatura em Letras – Espanhol - Universidade de Brasília (UnB); e-mail: <luciana_m_teixeira@hotmail.com>.



Na Grécia Antiga, por exemplo, a *Ágora*, praça principal das cidades, era destinada à troca de mercadorias e idéias. Dessa maneira, funcionava como um espaço mediador cultural. Um espaço de comunicação e de construção do discurso.

“Essa experiência ensina que há uma existência indissociável entre espaço mediador cultural e comunicação. A expressão do pensamento através da fala humana em um espaço comum constitui o que os gregos conheciam como espaço da polis, da comunidade. Pode-se dizer, usando termos da contemporaneidade, que a mídia do homem grego é sua própria fala e capacidade de oratória. Daí a importância dada à retórica” (Cortez, 2007).

E não apenas na sociedade grega. Em todas as antigas civilizações os relatos orais sempre foram o principal instrumento de comunicação. Histórias, informações e acontecimentos importantes eram decorados e transmitidos de geração para geração. Para Bill Kovach e Tom Rosenstiel (2003), esses relatos podem ser considerados uma espécie de pré-jornalismo.

A partir dessa visão, podemos dizer que os trovadores medievais desempenhavam a função de repórteres. Esses poetas populares viajavam, de feudo em feudo, para levar diversão e transmitir informações. Eles transitavam por diversas regiões e, dessa forma, passavam a conhecer as notícias de cada lugar. Quando chegavam a uma outra cidade os trovadores relatavam, entre uma cantiga e outra, os principais acontecimentos.

É claro que, nessa época, a humanidade já conhecia a escrita. Porém, seu uso estava restrito a um seleto grupo de pessoas, normalmente de religiosos. “Isso se explica pelo caráter mágico ou divino atribuído à escrita e ao fato de que as manifestações religiosas confundiam-se com o poder político – ou estavam a serviço dele” (Nunes, 2007).

“Quem leu *O Nome da Rosa*, de Umberto Eco, lembra-se de quão difícil era ter acesso aos manuscritos. Somente as igrejas tinham a possibilidade de guardá-los e alguns eram tão secretos a ponto de serem envenenados, para que os que manuseassem as suas páginas não sobrevivessem” (Marcovitch, 2002).

Mas o processo de troca de informações sofreria uma grande mudança no século XV. O alemão Johann Gutemberg inventou, em 1450, a prensa de tipos móveis. A partir daí, as cópias, antes manuscritas, puderam ser impressas de maneira rápida e mais barata. Com



isso, a palavra escrita foi popularizada e, com a facilidade de transporte dada pelo papel, ganhou o mundo.

Nesse Período, surgiram as *gazettas*, “folhas volantes impressas, que relatavam acontecimentos importantes como batalhas, festas, cerimônias fúnebres da nobreza e avisos” (Guerra, 2003). De acordo com José Marques de Melo (1973), esses folhetos circunstanciais foram a origem da imprensa periódica. Mas as poesias populares também começaram a ser impressas da mesma maneira, e sua temática se assemelhava à das *gazettas*.

Na Península Ibérica essa poesia popular impressa recebeu o nome de literatura de cordel pela forma de venda. As folhas volantes portuguesas ou os *pliegos sueltos* espanhóis ficavam em exposição, penduradas em barbantes ou cordas muito finas, a espera de comprador. No século XVIII, a definição “romances de cego” também passou a ser aceita, pois, nessa época, o rei português Dom João V deu à “Irmandade do Menino Jesus dos Homens Cegos” o privilégio de venda dos folhetos. Nos mercados e praças do Velho Mundo os cegos passaram a recitar estes romances acompanhados, muitas vezes, por violinos ou sanfonas. O povo se reunia para ouvir e, quem gostava, levava um exemplar para casa.

Devidamente enraizada no Velho Mundo, a literatura de cordel atravessou o oceano. Com o descobrimento da América, em 1492, os colonos enviados para povoar a nova terra trouxeram, nas naus colonizadoras, seus folhetos preferidos. No Brasil, a tradição se enraizou no sertão nordestino. Segundo Orígenes Lessa, a nossa poesia popular possui uma temática tão rica que podemos encontrar folhetos de todos os gêneros. E a produção nordestina é tão vasta que, para tornar o estudo mais fácil, podemos dividi-la em vários ciclos. Assim temos:

“ciclo heróico (que inclui obras épicas e trágicas), onde as obras dedicadas a Lampião destacam-se pela abundância quantitativa; ciclo histórico, onde se destaca Padre Cícero, se bem que muitas vezes tratado de maneira extra-real; ciclo maravilhoso, onde predominam seres sobrenaturais e acontecimentos mágicos; ciclo religioso e de moralidade; ciclo de amor e fidelidade; ciclo cômico e satírico e, por fim, ciclo circunstancial. Este último inclui o que se costuma chamar folheto de ocasião, escritos sobre os acontecimentos políticos ou sobre os fatos ocorridos recentemente”. (Lessa, 1973 p.11)



Mas a importância da literatura de cordel no nordeste é tão grande quanto a produção. Para Slater (1984), os folhetos foram, durante quase um século, a principal matéria de leitura das classes populares. “O folheto era, ainda, o jornal noticioso e informativo para os sertanejos ou para as camadas humildes nas grandes cidades do litoral” (Maxado, 1984 p.35).

Segundo Lessa (1973), os principais temas desses folhetos noticiosos eram os acontecimentos policiais, a política, as revoluções e campanhas eleitorais. Mas os poetas não se restringiam ao âmbito nacional. Os fatos internacionais também despertavam interesse. “O trovador popular não fica indiferente às guerras lá de fora. Hitler e Mussolini, como o Kaiser no seu tempo, provocaram revolta entre os nossos poetas” (p.31).

2. Literatura ou Jornalismo?

Normalmente, jornalismo e literatura são considerados gêneros diferentes. Entretanto, não estão totalmente separados. Eles se encontram em alguns momentos, como na crônica que, segundo Rildo Cosson (2007), é gênero híbrido. “A crônica é o gênero privilegiado pelo qual a literatura se mistura ou convive com o jornalismo no Brasil” (p.95). Essa interferência leva Antonio Olinto a considerar o jornalismo como gênero literário, “visto que o que os une é a linguagem” (Nicolato, 2006).

A questão do gênero textual pode ser estudada por diversas perspectivas. Porém, no caso da literatura de cordel, a Análise Crítica do Discurso, proposta por Norman Fairclough, e a abordagem sócio-retórica de John Swales, trazem grandes contribuições. De acordo com Fairclough (1989), quando investigamos a linguagem como gênero, a relação entre texto e contexto se explicita. Assim, a interpretação do texto (análise da linguagem) depende do contexto (análise social), porque a linguagem é uma prática social.

Marta Cristina da Silva (2005) afirma que o traço definidor de gênero, para Swales, é o propósito comunicativo. “Os demais traços, como as convenções, o estilo, o canal, o vocabulário e a terminologia específicos, embora importantes, não exercem a mesma influência sobre a natureza e a construção do gênero”.



Dessa maneira, o melhor caminho para chegarmos a uma conclusão sobre o gênero do cordel é através de uma análise social. Darcy Ribeiro (2000) ressalta que a sociedade nordestina sempre esteve dispersa no sertão e costumava se encontrar, principalmente, nas festas dedicadas aos santos padroeiros. Uma outra oportunidade de convívio social eram as feiras. E nelas, a literatura de cordel sempre esteve presente com seus poetas e cantadores.

Segundo Franklin Maxado (1984) “o poeta ou folheteiro era o informante das novidades, das notícias, o entretenedor e comunicador. Era o agente que quebrava o isolamento das populações rurais ou de vilas onde talvez não houvesse telégrafo ou rodovias. Ou energia elétrica para se ter rádio.” (p.34). Maxado já nos apresenta o poeta popular como um comunicador. Mas a descrição do jornalista Ricardo Noblat é ainda melhor.

“...existem dezenas de poetas populares do Nordeste que fazem um jornalismo muito parecido ao praticado nas redações de jornais: narram os principais acontecimentos da sua cidade, região, país e mundo; interpretam-nos; opinam sobre eles; refletem e ajudam a formar a opinião pública; integrar à vida nacional comunidades que ainda não foram devidamente atingidas pelos veículos convencionais de comunicação...A eles dá-se o nome de folhetos de época, ou de urgência, ou circunstanciais, um dos muitos ciclos de literatura de cordel nordestino”. (Ricardo Noblat, apud Luyten, 1992 p.46).

Para Joseph Luyten (1992), Noblat faz uma das melhores sínteses quando coloca o cordel como “o jornal dos que não lêem jornais” (p.50). O poeta funciona, assim, como mediador entre a cultura de elite e a popular. Traduz e divulga informações para uma parcela da população que não tem acesso ou não compreende os veículos de comunicação de massas como o rádio, a televisão, os jornais e revistas. Exerce, portanto, a função de jornalista popular.

3. Poetas Populares: os “Líderes de Opinião” do Sertão Nordestino

Esse papel mediador dos poetas populares pode ser estudado com o auxílio da teoria da Folkcomunicação, disciplina científica criada pelo professor Luiz Beltrão em 1967. De acordo com seu criador, o termo folkcomunicação pode ser definido “como o conjunto



de procedimentos de intercâmbio de informações, idéias, opiniões e atitudes dos públicos marginalizados urbanos e rurais, através dos agentes e meios direta ou indiretamente ligados ao folclore” (Beltrão, 1980 p.24).

Segundo Beltrão, a comunicação na sociedade contemporânea enfrenta problemas como a heterogeneidade de grupos e culturas, bem como a distância social e espacial desses grupos. Dessa maneira, ele afirma, baseado na teoria do *two steps flow* de Paul Lazarsfeld, que “a influencia dos meios de comunicação de massa se exerce não diretamente, mas através de grupos compreendidos dentro de *n* receptores que constituem a audiência, por sua natureza dispersa e desorganizada” (p.29). Lazarsfeld chamou os receptores da mensagem de “líderes de opinião”. Beltrão adotou a teoria e a adaptou à folkcomunicação. Assim, temos que:

“A sua mensagem (dos meios de comunicação de massas) encontra, disseminado na audiência dispersa, um receptor especial – o comunicador de folk, o líder de opinião dos grupos sociais aos quais escapam a linguagem e o significado mais profundo da informação transmitida. Graças a suas características de liderança e a sua capacidade interpretativa da informação, esse receptor distinguido se transforma (muitas vezes depois de consultar outras fontes, líderes e meios) em comunicador para uma audiência que procura e o entende, já que emprega veículos (meios folk) que, ainda se massivos (como o rádio ou impressos do tipo de folhetos e volantes), lhes são acessíveis e familiares”. (Beltrão, 1980 p.33)

Os poetas populares desempenham, assim, a função de tradutores. Orígenes Lessa (1973) os denomina “disseminadores de cultura” (p.38). Segundo ele, os cordelistas escrevem versões populares, ou seja, “traduzidas na sua linguagem humilde” (idem), de obras literárias famosas como “O Guarani”, “Amor de Perdição”, “O Corcunda de Notre Dame” e até “Romeu e Julieta”. O cinema também é fonte de inspiração para os poetas populares que transformam alguns filmes de Hollywood em folhetos de cordel.

Já os folhetos noticiosos são inspirados pela grande imprensa. De acordo com Luyten (1992) essa influência se dá através de três linhas: influência estilística, transcrição jornalística e influência quanto à fonte. Na primeira linha, “o poeta adota o estilo jornalístico em sua narrativa, com abundância de detalhes e uma grande precisão de datas e locais” (p.42). Ou seja, se transforma no repórter e o cordel é seu jornal. Na



transcrição jornalística, “o poeta abandona os versos e as rimas para fazer a transcrição quase literal do que leu no jornal” (p.43). E, na terceira linha, o poeta popular recebe informações por meio do rádio, da televisão ou de impressos, e reescreve a notícia. “Ele a codifica na linguagem do universo de seus leitores” (idem).

4. Do Sertão ao Planalto Central

Trabalhar na construção da nova Capital Federal era, para os nordestinos, como alcançar a terra prometida. Brasília, a Capital da Esperança, seria a concretização de todos os sonhos e, seus construtores, teriam um futuro promissor. Movidos por esse ideal, muitos nordestinos migraram, nos famosos paus-de-arara, ao Planalto Central. Deixaram para traz a seca e o desemprego. Mas a realidade no canteiro de obras não era a esperada: “extensa e intensa jornada de trabalho – além da virada e o serão, os operários trabalhavam domingos e feriados; falta de moradia; baixos salários e, tantas outras dificuldades, a começar pela viagem” (Barroso, 2006 p.59).

Na bagagem, os nordestinos trouxeram o gosto pela literatura de cordel. Em um primeiro momento, esta manifestação literária serviu para “recriar um espaço simbólico nordestino em Brasília, onde os operários migrantes pudessem sentir-se em casa” (p.62). Os primeiros espaços nordestinos da capital foram criados em alguns bares e cantinas das favelas onde viviam os operários. Essas favelas, criadas nas proximidades do Núcleo Bandeirante, não ofereciam nenhuma qualidade de vida. Segundo Barroso, as moradias eram construídas “com tábuas e papelão, sujeitas aos constantes incêndios e problemas de toda ordem” (p.69).

Podemos encontrar um excelente retrato dessa época no livro de cordel “O Candango na Fundação de Brasília”, escrito pelo poeta Sebastião Varela. Nascido em Campina Grande, Paraíba, Varela chegou ao Planalto Central em 1958 para trabalhar como servente de pedreiro. Seus versos relatam a chegada dos operários, as primeiras construções, o nascimento da primeira criança, enfim, a história completa da concretização do sonho de Dom Bosco.



Começou a chegar gente
vindo de todas as partes
três quartos eram do nordeste
que vinham para trabalhar
os carros vinham cheios
que não cabiam mais nada
e esta espécie de passageiros
chamavam de Pau de Arara. (18)

O primeiro barracão
que aqui foi construído
foi a sede provisória
do Governo Federal
teve o nome de Catetinho
obra de Oscar Niemeyer. (20)

Logo quando começou
a fundação de Brasília
houve uma concordância
entre todos mudancistas
o nome da primeira criança
que nascesse no serviço
se fosse homem era Brasil
e mulher era Brasília (39)

Ficou tudo combinado
este acordo na linha
D. Sarah e Juscelino
tinha de ser os padrinhos
foi quando nasceu Brasília
gordinha bem bonitinha (40)

A primeira empresa de ônibus
foi a grande Aragarina
transportou os primeiros candangos
de Goiás, Bahia e Minas
estrada tudo em buraco
mais ela fez esta linha (43)

Depois veio Matsunaga
o dono da Pioneira
sua frota era 6 ônibus
Brasília era arvoredo
só tinha a linha do centro
o resto barro e poeira (44)

Varela também nos apresenta acontecimentos importantes como, por exemplo, a morte de Bernardo Sayão, encarregado de iniciar a construção da Rodovia Belém-Brasília. Em janeiro de 1959, Sayão cuidava das obras em Açailândia (MA) quando uma árvore caiu em sua barraca. Ele não resistiu aos ferimentos e faleceu no mesmo dia. Varela resgata o fato:



A sua barraca era
sempre perto do serviço
mas o serviço avançava
lhe digo dia após dia
ia ficando distante
de forma que ninguém via. (241)

Naquele dia leitor
veio a barraca do chefe
quiseram botar mais longe
diz ele perto é o que eu quero
só sendo uma tentação
que formou essa tragédia. (242)

Um bruto massaranduba
que faltava derrubar
disseram tenha cuidado Dr.
na hora pode ventar
era como estar dizendo
esse pau vai lhe matar. (243)

Como de fato foi mesmo
na hora de arriar
a árvore tombou de forma
e sem ninguém esperar
ouviu-se só um gemido
debaixo do folharal. (244)

Era Bernardo Sayão
acudam venham me tirar
uma pancada terrível
que veio a desfigurar
ainda disse assim
não podem desanimar. (245)

Levaram-no a Uruaçu
era a cidade mais perto
Bernardo desfigurado
mal falou com o médico
ali mesmo se acabou
o chefe da floresta. (246)

Não havia quem dissesse
que ele fosse morrer
só fazia suspirar
ninguém via ele gemer
foi forte até a morte
no momento derradeiro. (247)

A narrativa do poeta é informativa. A partir dela, podemos reconstruir os momentos finais de Bernardo Sayão. Assim como podemos, também, reconstruir o tão esperado dia da inauguração de Brasília. O poeta estava na platéia esperando para ver a cidade



que ajudou a construir tornar-se a Capital Federal. Como faz parte do povo, esse “repórter popular” constrói o seu relato, a sua reportagem poética, a partir das miudezas que raramente aparecem na grande imprensa. Temos retratado o garçom que distribuía refrescos gratuitos, o velho agricultor assustado com os aviões e, temos também, a emoção do presidente Juscelino Kubitschek descrita por um candango que compartilhava as mesmas sensações.

Chegou vinte um de abril
que dia maravilhoso
aquele dia esperado
parece que madrugou
na praça dos três poderes
só se via era doutor. (483)

Os visitantes contentes
não tinham com que gastar
em todo cantinho tinha
um garçom a despachar
um carrinho com refresco
sem se pagar um centavo
em memória a sua festa
era Brasília quem dava. (484)

Entre todo pessoal
veio um velho agricultor
chamado Chico Farias
de tudo se admirou
só lhe deixou assombrado
um avião que passou. (490)

Desfilou o verdeolivo
com um grande batalhão
com sua banda de música
comemorando a nação
eram as grandes sinfonias
na capital do sertão. (501)

Depois de tudo formado
foi um toque especial
representa nosso povo
o hino nacional
nunca tinha sido ouvido
neste planalto central. (505)

A família Kubitschek
junto com seus convidados
entre eles o General Craveiro
que veio de Portugal
veio a família Kennedy
para o Planalto Central. (511)



Eram tantos convidados
que a praça não cabia
além de muitos outros
também veio da Hungria
foi gente de toda parte
nesta praça de Brasília. (512)

Com um minuto atrás
a capital era o Rio
com um minuto depois
nova Capital Brasília
todos viram Juscelino
tremendo de alegria. (526)

Era fotógrafo a repórter
tirando fotografia
candangos velhos e novos
pulando de alegria
sabemos que hoje é
nossa Capital Brasília. (527)

Nesta hora o presidente
quase não suportou
ali de cabeça baixa
na mesma hora chorou
e disse graças a Deus
Brasília se inaugurou
meu sonho de muito tempo
agora se concretizou. (528)

A grande salva de tiros
este planalto estrondava
parecendo dinamite
pedreiras que atiravam
não senhor era canhão
fogo puro vomitava
era mesmo Juscelino
que Brasília inaugurava. (529)

Após a inauguração de Brasília, os operários que tanto trabalharam para ver esse sonho realizado, permaneceram na cidade. A eles, juntaram-se outros migrantes que chegaram depois de 1960. As favelas aumentaram ainda mais e, assim, surgiu o movimento Pró-moradia, organizado pelos ex-operários e novos habitantes. A reivindicação dos moradores surtiu efeito e, para acabar com as favelas da nova capital, foi criada a CEI – Campanha de Erradicação de Invasões. Uma cidade com infra-estrutura adequada começou a ser construída e recebeu o nome de Ceilândia, o CEI da sigla da campanha “e lândia, sufixo derivado de land em inglês, significado de terra” (p.73).



Mas Ceilândia herdou o estigma das antigas favelas. De acordo com Barroso, a cidade era percebida, pelos moradores do Plano Piloto e de outros lugares do Distrito Federal, “como espaço de marginalizados, de pessoas perigosas e violentas. Estas representações foram difundidas pelos meios de comunicação da Nova Capital” (p.75). Para combater essa imagem e melhorar a cidade foi criada a Associação de Moradores de Ceilândia.

Surge daí a segunda fase da literatura de cordel no Distrito Federal, mas precisamente na Ceilândia. Desde o sertão nordestino, os folhetos serviam para dar visibilidade ao homem comum, aos fatos do cotidiano que não interessam à grande imprensa. Os cordelistas, já devidamente instalados, começaram a narrar o dia-a-dia da cidade, mas pelos olhos de quem nela vivia, sem os preconceitos de quem observava de fora. Como podemos perceber nos versos de “Ceilândia, cidade em flor”, do poeta Manoel Raimundo.

Ceilândia é boa cidade
Lugar de muita garoa
Não existe inimizade
Pois só mora gente boa
Aqui não a necessidade
De se criar gente atoa. (07)

Há uns dois anos passado
Não existia construção
Só tinha grandes serrado
Com cobras e gaviões
Hoje ajudada por Deus
Já tem muita habitação (08)

O governo construiu
Escolas de educação
Pra todo mundo se instruir
Pois a meta é a instrução
Quando recebe alguém
Trata com distinção (09)

Muitas quadras tem luz
Faltar vir água encanada
Ajudada por Jesus
Breve será asfaltada
Todo mundo vai chamar
Cidade alta adorada (10)³

³ Barroso, 2006 p.74



Para incentivar a produção de cordel em Ceilândia foi criada, em 1982, a Federação Nacional dos Cantadores Repentistas e Poetas Cordelistas (FENACREPC). A partir de então, foram organizados vários festivais e os poetas passaram a reivindicar a construção de um espaço próprio, a Casa do Cantador. Segundo Barroso o movimento reivindicatório se intensificou durante o VIII Festival de Cantadores Repentistas e Poetas Cordelistas.

No dia 01 de dezembro de 1985, último dia deste Festival, um grande número de poetas se reuniu e, em cima de dois caminhões, foram até a residência oficial do governo, em Águas Claras para solicitar ao então governador do D.F., José Aparecido de Oliveira, a construção da Casa do Cantador (p.92).

O poeta Gonçalo Gonçalves Bezerra, conhecido como poeta Gon-Gon, escreveu, na época, uma reportagem rimada sobre o encontro com o governador para a revista “A Brasil Cordel”. Segundo Maxado (1984) essa revista era periódica, mas não tinha data certa para sair.

Era um dia de domingo
o primeiro de dezembro
do ano de oitenta e cinco
Oitavo festival, eu lembro
reunimos os participantes
falamos com cada membro (01)

Por esta maneira assim
todos na Praça da feira
às dez horas da manhã
afinando a “regra inteira”
para cantar pra José
Aparecido, Oliveira(02)

O nosso Governador
do Distrito Federal
na Granja das Águas Claras
residência oficial,
marcada pra onze horas
nossa chegada ao local.(03)

Um ônibus da TCB
ficou de nos apanhar
porém o mesmo não veio
comecei me apavorar
disse a Lourival da Silva
vamos dois carros fretar?... (04)⁴

⁴ Barroso, 2006 p.93



5. Considerações Finais

A partir do exposto podemos concluir que a produção de literatura de cordel no Distrito Federal, especialmente na cidade-satélite de Ceilândia, é considerável. De acordo com Barroso (2006)

“Nos vários pontos de cantoria espalhados pelo D. F., desde o início da construção de Brasília passaram, e até hoje passam muitos cordelistas. Uns já falecidos; outros mudaram de cidade, ou retornaram para sua terra natal; muitos sempre passam ou retornam a Brasília para os festivais e outras tantas apresentações, mas existe um número que varia, segundo demonstrou a pesquisa, de vinte a trinta cordelistas que fizeram do D.F. sua morada” (p.66).

A produção candanga conserva, também, o caráter informativo do cordel nordestino e mostra que produção e divulgação de notícias não é privilégio dos jornalistas. O povo tem seus produtores de informações, seus “líderes de opinião” que traduzem o mundo e dizem quais os fatos mais importantes no momento, exercendo, assim, uma espécie de agendamento. No Distrito Federal os temas incluem a construção e inauguração de Brasília, o dia-a-dia das cidades, questões políticas atuais, entre outros.

Nos referidos exemplos, percebemos a influência estilística citada por Luyten (1992). O poeta torna-se um jornalista popular. Observa os fatos e os narra, com riqueza de detalhes, hora e lugar, para seu público. Isso foi o que fizeram, e ainda fazem, os poetas candangos. Eles mostram, a cada dia, que o cordel do D.F. tem tanta qualidade quanto o produzido em outros estados. No entanto foi, até o momento, pouco estudado e reconhecido.

6. Referências Bibliográficas

BARROSO, Maria Helenice. *Os cordelistas no DF: dedilhando a viola, contando a história*. Brasília: UnB / Programa de Pós-Graduação em História, 2006. Dissertação de Mestrado.

BELTRÃO, Luiz. *Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados*. São Paulo: Cortez, 1980.

CORTEZ, Glauco Rodrigues. *Ágora e mídia moderna: espaços de comunicação e jornalismo na antigüidade*. Revista Estudos em Jornalismo e Mídia Vol. IV No 1, 2007. Disponível em: <http://www.posjor.ufsc.br/revista/index.php/estudos/article/view/121>.



- COSSON, Rildo. *Fronteiras contaminadas: literatura como jornalismo e jornalismo como literatura no Brasil dos anos 1970*. Brasília: Universidade de Brasília, 2007.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Language and power*. New York: Longman, 1989.
- GUERRA, Josenildo Luiz. *O nascimento do jornalismo moderno: uma discussão sobre as competências profissionais, a função e os usos da informação jornalística*. XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Belo Horizonte, setembro 2003. Disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003_NP02_guerra.pdf.
- KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. *Os elementos do jornalismo : o que os jornalistas devem saber e o público exigir*. São Paulo : Geração Editorial, 2003.
- LESSA, Orígenes. *Getúlio Vargas na literatura de cordel*. Rio de Janeiro: Documentário, 1973.
- LUYTEN, Joseph. *A notícia na literatura de cordel*. São Paulo: Estação Liberdade, 1992.
- MARCOVITCH, Jacques. *A informação e o conhecimento*. São Paulo em Perspectiva vol.16 n.4, 2002. Disponível em: <http://www.ndc.uff.br/documentos/Informação%20e%20Conhecimento.pdf>.
- MAXADO, Franklin. *O cordel televisivo: futuro, presente e passado da literatura de cordel*. Rio de Janeiro: Codecri, 1984.
- MELO, José Marques de. *Sociologia da imprensa brasileira: a implantação*. Petrópolis: Vozes, 1973.
- NICOLATO, Roberto. *Jornalismo e Literatura: aproximações e fronteiras*. VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, 2006. Disponível em: <http://intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1028-1.pdf>.
- NUNES, Claudio Omar Iahnke. *Leitura na Idade Média: a ruptura com a oralidade*. Biblos – revista do departamento de Biblioteconomia e História da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) Vol. 21, 2007. Disponível em: <http://www.seer.furg.br/ojs/index.php/dbh/article/viewFile/840/324>.
- RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro : a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- SILVA, Marta Cristina da. *A noção de gênero em Swales: revisitando conceitos*. Recorte – revista de linguagem, cultura e discurso, ano 2 nº 3, 2005. Disponível em: http://www.unincor.br/recorte/artigos/edicao3/3artigo_marta.htm.
- SLATER, Candace. *A vida no barbante: a literatura de cordel no Brasil*. Trad. Otávio Alves Velho. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1984.